

Venda no varejo cai pelo terceiro mês consecutivo

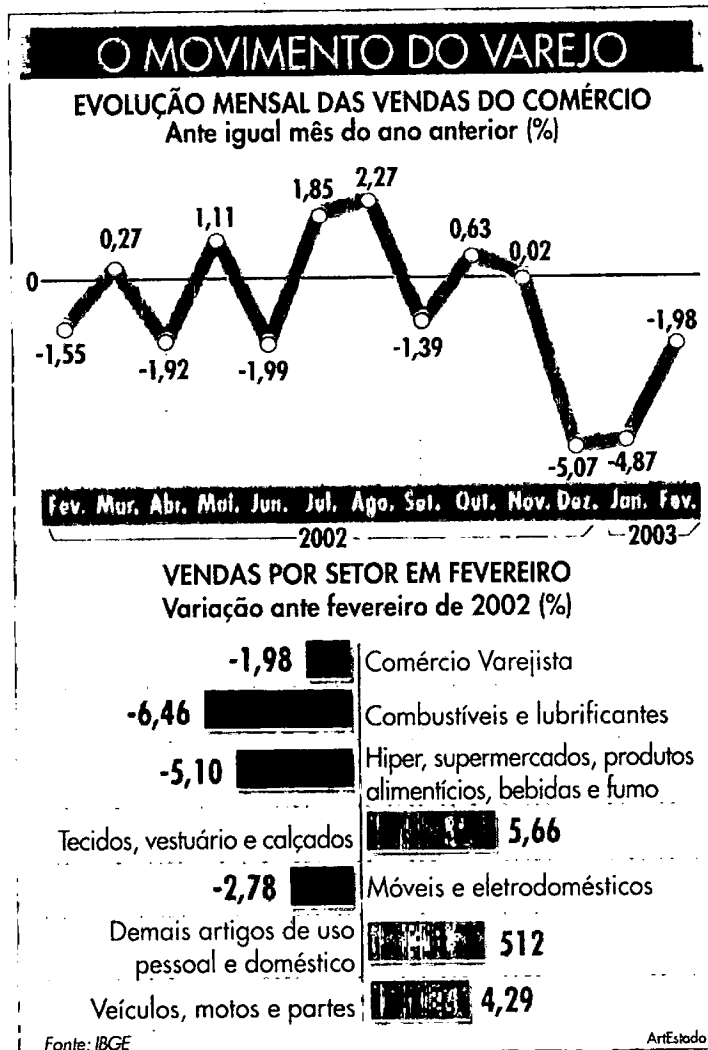
Expectativa é de mudança a partir deste mês, com queda do dólar e estabilidade do petróleo

JACQUELINE FARID

RIO – Os juros e a inflação elevados levaram a nova queda nas vendas do comércio varejista em fevereiro (1,98%), a terceira consecutiva em relação a igual período do ano anterior. No primeiro bimestre o setor acumulou queda de 3,47% e a expectativa do técnico do Departamento de Comércio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Nilo Lopes é de que a reversão das taxas negativas só ocorra a partir deste mês.

Lopes avaliou que os resultados do varejo em fevereiro mostram retração de consumo no País, mas o setor tem conseguido “manter suas margens por meio das remarcações de preços”. Exemplo disso, segundo ele, foi o aumento da receita nominal (sem descontar a inflação), em 19,36% no período.

Ele explicou que, como o comércio precisa garantir recursos para a reposição de estoques, muitas vezes antecipa rea-



justes aos definidos no atacado. “A diferença entre as vendas e a receita nominal confirma que estão ocorrendo remarcações, como já mostram os índices de inflação”, disse.

Lopes avalia que as vendas no varejo, que já apresentam queda há três meses consecutivos, deverão permanecer negativas em março, recuperando-se a partir de abril. Segundo ele, o

quadro do varejo permanece inalterado porque prossegue uma “situação macroeconômica complicada”, com alta dos juros, renda retraída, desemprego e inflação elevados. Sua expectativa é que a queda na cotação do dólar e a estabilidade no preço do petróleo modifiquem o quadro a partir deste mês.

Combustíveis – A principal redução nas vendas, em fevereiro, ocorreu no segmento de combustíveis e lubrificantes (6,46%). Por outro lado, houve aumento de 41% da receita do setor no mesmo período. Lopes disse que essa “contradição” ocorre porque como combustíveis são produtos essenciais e, portanto, as vendas “nunca caem tanto que inibam as receitas geradas por aumentos de preços”. O mesmo motivo foi apontado por ele para o aumento de 16,4% na receita de supermercados, hipermercados, produtos alimentício, bebidas e fumo, apesar da redução de 5,10% nas vendas.

O melhor desempenho no mês foi o das vendas de tecidos, vestuário e calçados (5,66%), especialmente devido à queda nos preços de diversos produtos por causa das liquidações de final de verão. As vendas de demais artigos de uso pessoal e doméstico (farmácia, informática e papelaria) aumentaram 5,12% no mês. Segundo Lopes, isso ocorreu especialmente devido à volta as aulas. (AE)